



A docência em História e a evasão escolar no Ensino Médio

Erick Vargas da Silva*

Resumo: Este texto se propõe a discutir o tema da evasão escolar no ensino médio e sua problemática específica para a prática da docência na área das Ciências Humanas. Durante a nossa experiência no estágio de docência em História no ensino médio, este problema provocou um exercício de reflexão acerca da evasão e do abandono da sala de aula pelos estudantes. O objetivo deste artigo será o de apresentar a partir dos dados gerais coletados sobre o tema da evasão escolar no ensino médio e de nossa experiência em sala de aula, alguns dos desafios e das estratégias para a prática docente em História neste contexto.

Palavras-chave: Evasão Escolar; Ensino Médio; Ensino de História.

Abstract: This paper aims to discuss the issue of high school evasion specifically for the teaching practice in the Humanities field. During our experience as trainee teacher of History this problem raised to a reflexion about the classroom abandonment by students. Through general data collected and personal experience in the classroom, the paper intends to present some challenges and strategies for the History's teaching practice in this context.

Key-words: Classroom Abandonment; High School; Teaching of History.

Introdução: um panorama da evasão escolar no ensino médio

O tema da evasão escolar no ensino médio é um problema que há muito tem se debatido e buscado alternativas. Mais do que uma problemática meramente conjuntural, esta questão tem contornos “estruturais” em nosso país. Os dados oficiais apontam para um quadro geral desafiador. A estimativa é que apenas 66% dos estudantes que ingressam no ensino médio o concluem.

* Licenciatura em História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Artigo apresentado para a disciplina de Estágio Docente II/Ensino Médio, no primeiro semestre de 2013, ministrada pela Profa. Carla Meinerz.



Além de uma parcela significativa que não consegue concluir, muitos sequer conseguem ingressar no ensino médio. O Censo Escolar de 2012 apontou que 8.376.852 estudantes de 15 a 17 anos estavam matriculados no ensino médio, uma redução de 0,3% em relação ao ano anterior. A diminuição das matrículas acontece ao mesmo tempo em que cresce o número de alunos com idade para cursar o ensino médio. No início da série histórica do Censo Escolar, em 2007, eram 10.262.468 jovens em idade escolar (8.369.369 alunos matriculados). Já em 2011, último ano com esse dado, o país contava com 10.580.060 pessoas na faixa etária de 15 a 17 anos.

A permanência do estudante no ensino médio é relacionado a um conjunto de fatores que interagem neste processo. Historicamente, a expansão do acesso ao ensino médio é recente, permeado de dificuldades em uma lógica socialmente excludente. Mesmo com todos os avanços e investimentos realizados na educação brasileira nos últimos anos, persistem graves problemas estruturais.

A análise mostrou que, apesar da ampliação que vem ocorrendo, ainda existe no Brasil um baixo acúmulo de escolarização; que, a despeito da diminuição da taxa de analfabetismo, persiste ainda um elevado contingente de analfabetos; que, embora tenha ocorrido ampliação do acesso à educação infantil, ainda é muito restrito o acesso às creches e insuficiente para o ensino médio; a insuficiência e o desigual desempenho para conclusão dos ensinos fundamental e médio; e o acesso restrito e desigual à educação superior. (CASTRO, 2009, p.680)

Este quadro geral nos ajuda a entender que o ensino médio não é uma “ilha” de problemas, mas sim, que é uma etapa do ensino que esta profundamente influenciada por um quadro geral de dificuldades. Da mesma forma, não podemos refletir a respeito da evasão escolar de maneira “descolada” dos problemas que envolvem o conjunto do sistema de ensino, em seus diferentes aspectos, sob pena de fazermos julgamentos precipitados ou superficiais. Entre os aspectos que influenciam a permanência ou a desistência do estudante no ensino médio, destaca-se: “idade com que ingressam na escola; inclusão ou não no mercado de trabalho; trajetória escolar anterior; taxas de repetência e evasão; aproveitamento dos estudos; infraestrutura oferecida; qualidade do corpo docente, entre outros”. Por tanto, pensando tanto em termos de políticas públicas quanto na prática docente, “(...) qualquer política direcionada a esse nível de ensino e ao seu alunado precisa ser pensada de modo que considere, integradamente, esses múltiplos aspectos.” (MOEHLECKE, 2012, p.)



O estado do Rio Grande do Sul se insere neste cenário apresentando um quadro igualmente desafiador:

O Ensino Médio no Rio Grande do Sul apresenta índices preocupantes, ao considerar o compromisso com a aprendizagem para todos. A escolaridade líquida (idade esperada para o ensino médio 15-17anos) é de apenas 53,1%. A defasagem idade-série no Ensino Médio é de 30,5%. Da faixa etária de 15 a 17 anos, 108.995 jovens ainda frequentam o Ensino Fundamental. Ao mesmo tempo, constata-se altos índices de abandono (13%) especialmente no primeiro ano, e de reprovação (21,7%) no decorrer do curso, o que reforça a necessidade e priorizar o trabalho pedagógico no Ensino Médio (SEDUC, 2011, p.01-02).

As mudanças que estão ocorrendo no ensino médio – no país e no estado - buscam, de algum modo, responder a estes problemas. Uma questão central são as mudanças curriculares, aos moldes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) - o que inclui a integração de pelo menos 12 disciplinas nas quatro grandes áreas de conhecimentos: linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas. Esta desejada integração curricular tem apresentado em sua implantação enormes desafios, que fogem ao objeto deste artigo, mas que colocam-se como mais uma questão a ser problematizada para a prática docente, e o lugar da disciplina de História neste contexto.

É fato que para muitos estudantes, o ensino médio representa, muitas vezes, algo desprovido de um sentido prático para suas vidas. A conclusão do nível médio como uma etapa para o acesso a educação superior não é uma perspectiva universal a todos os estudantes. Apesar do intenso crescimento das vagas no ensino superior, o percentual de acesso dos jovens é ainda muito restrito – abrange 19% na faixa etária de 18 a 24 anos (PNAD, 2009). Sem esta perspectiva de ingressar em uma universidade e não habilitando para o “mundo do trabalho”, o ensino médio esvazia-se de sentido. A pesquisa *Motivos da Evasão Escolar*, revela que 40% dos jovens de 15 a 17 anos que evadem, deixam de estudar simplesmente porque acreditam que a escola é “desinteressante”. Enfrentar este “desinteresse” e “perda de sentido” é uma questão central para o exercício docente no ensino médio.

A prática do estágio

Realizamos o estágio de docência em História no ensino médio na Escola Técnica Estadual Parobé, tradicional escola pública do município de Porto Alegre, que oferece ensino profissionalizante e regular. Após realizar 12 horas de observações na escola, assumi a



docência de duas turmas do terceiro ano do ensino médio regular. Foram ao todo 24 horas de aulas, no turno da tarde, onde cada turma teve 2 horas de aulas de História por semana.

As duas turmas tinham perfis muito distintos quanto a frequência e a participação nas aulas de História. A presença no primeiro dia de aula é indicativa desta diferença entre as turmas. Ambas iniciaram o ano letivo com 32 alunos na lista de chamada; no entanto, enquanto uma turma teve 24 alunos presentes, na outra compareceram somente 12. Indagando aos presentes e, posteriormente aos faltosos, as razões do não comparecimento em sala de aula, muitos apontavam desinteresse pela História, onde não raro era vista pelo alunos como uma “disciplina menor”, e portanto, motivo de perda de motivação e frequência.

Este não é um fenômeno específico apenas da História, mas que atinge igualmente outras disciplinas na área de humanas, conforme os relatos dos professores, onde uma certa visão pragmática permeia os alunos a respeito de “qual a aula que podem faltar”. Nesta escolha, entra desde a matéria que eles consideram de “menor importância”, até mesmo uma rejeição a determinado professor. O problema da desistência de alunos em concluir o ensino médio estava presente nas duas turmas. Quando iniciamos as aulas, no final de maio, em uma turma já haviam dois alunos e na outra quatro que abandonaram a escola. Felizmente, ao longo do estágio não houveram novos abandonos registrados em nenhuma das turmas.

Uma das turmas tinha um acentuado problema de disciplina em sala de aula, com “fama na escola”. Alguns alunos, de certa forma, vangloriavam-se desta condição de indisciplina - uma aluna afirmou-me isso durante o período de observação, além dos próprios relatos de professores. O que se apresentava como mais um elemento desafiador para o desenvolvimento das aulas de História.

Desde a observação das turmas até o início do exercício docente, já observava a necessidade de desenvolver nas aulas de História ações que estimulassem o interesse dos alunos na disciplina. Tentar demover a resistência ou indiferença frente a disciplina de História e criar uma relação dialogada com a turma, que permitissem uma melhor interação entre alunos e professor, me parecia um caminho a tentar percorrer nas aulas. Neste percurso, alguns mitos se desfizeram e algumas convicções se reforçaram.

Na primeira aula, utilizamos o instrumento de um questionário que elaboramos, para todos os alunos, onde podemos coletar informações a respeito do perfil das turmas e um pouco de seus conhecimentos gerais sobre a disciplina. Este instrumento se mostrou valioso para um melhor planejamento das aulas. Este rápido levantamento nos mostrou que os alunos estavam na faixa etária dos 16 aos 18 anos; que praticamente todos os alunos moravam longe



da escola, tendo que se deslocar diariamente de ônibus; mais da metade deles já trabalham; todos tem acesso frequente a internet e a maioria a utiliza para se informar e realizar pesquisas escolares; próximo a 80% deles afirmam desejar cursar faculdade ou curso técnico após concluir o ensino médio, entre os cursos sonhados, predominam as Engenharias, Direito, Informática e Medicina, apenas uma aluna disse querer cursar História. Esta pesquisa também mostrou que eles tinham um domínio razoável sobre os períodos históricos e sobre o conceito de “revolução”, conceito escolhido por ter uma centralidade no conteúdo que seria trabalhado com eles posteriormente (história contemporânea).

Com os dados levantados nos questionários, pude constatar quais eram as dificuldades que as turmas tinham com relação alguns conceitos na História, qual eram suas insuficiências. Assim foi possível trabalhar estes conteúdos que eles tinham dúvidas, não ficando preso apenas ao que era determinado pelo livro didático adotado pela escola, mas sim, a partir das necessidades específicas da turma. Um desafio é saber dosar corretamente a profundidade dos temas trabalhados, não caindo no erro de subestimar a capacidade dos alunos, reconhecendo neles a capacidade plena de adquirir e interagir com os saberes tratados em aula e na sua capacidade analítica. Mas também é necessário ter presente as limitações conjunturais que se colocam sobre a turma, como por exemplo, as dificuldades que muitos terão para realizar determinadas atividades extraclasse.

A possibilidade de realizar um planejamento prévio das aulas que seriam ministradas para as duas turmas, onde dispúnhamos de tempo para refletir, selecionar os conteúdos e as abordagens dos mesmos em sala de aula, confirmou-se como um instrumento indispensável para a boa condução das aulas. Trabalhando com aulas expositivas, apresentando os conteúdos, tirando as dúvidas em sala de aula; utilizando recursos de vídeos, com documentários para ilustrar os conteúdos trabalhados; trabalhando questões de vestibulares referentes aos conteúdos expostos com os alunos; buscando permanentemente estabelecer uma relação dialogada com a turma e de aproximação com a disciplina da história, foram estas, em linhas gerais a estratégia adotada para as aulas.

Este trabalho rapidamente mostrou resultados, como alguns testemunhos de alunos fazem crer. Logo após a primeira aula, um aluno me abordou e me afirmou: “Gostei muito da tua aula professor. Esta foi a melhor aula de história que eu já tive! Aprendi muito!”. Noutra aula, uma aluna ao final me fez um pedido para “nunca deixar de dar aulas com esta vontade de nos ensinar”. Alguns alunos afirmavam que “só estamos vindo na aula hoje porque é tu o professor”, além de outros testemunhos nesta mesma direção. Estabeleceu-se uma relação



extremamente rica entre alunos e professor, e nitidamente o que era uma indiferença generalizada com a disciplina de História, passou a ser uma relação de maior proximidade, afetividade e, logo, participação. Não foi sem surpresa que, com apenas um mês de aula, a turma nos escolheu, em votação entre os alunos, como o melhor professor no Conselho de Classe. Esse reconhecimento dos alunos, além de ser extremamente gratificante, nos serve como orientador do caminho a seguir no exercício docente.

Como mencionei anteriormente, a evasão e a falta de frequência, mais do que um problema generalizado na escola, tinha sua problemática específica com relação às aulas de História. A partir do momento que foi se estabelecendo uma relação qualitativa com os estudantes, onde o desinteresse deu lugar a uma efetiva participação em sala de aula, claramente observamos uma mudança neste quesito. Ao final do estágio, ao observarmos as listas de chamada, claramente tivemos uma evolução e um crescimento gradual e contínuo da frequência, chegando a atingir, nas últimas aulas, a presença da totalidade dos alunos em sala de aula.

Considerações finais

Nossa experiência em sala de aula e análise empírica trouxe importantes elementos a respeito de estratégias possíveis para a atuação docente frente ao problema da evasão escolar no ensino médio. Ressalvamos, no entanto, que se trata de uma experiência delimitada e específica no tempo e no espaço, com as particularidades e as diferenciações que o estágio tem em relação à prática docente regular. Observando estes limites, nos permitimos apontar algumas conclusões.

A principal delas é que uma aula de qualidade pode ser um importante e imprescindível estímulo para enfrentar a evasão e a falta de frequência. O desinteresse que os alunos tinham pelas aulas não era necessariamente pelo conteúdo da disciplina da História em si, mas muito mais uma rejeição a forma como este conhecimento lhes era apresentado. O problema não reside apenas na noção de “mais” ou “menos” conteúdo, de seguir “à risca” os temas propostos pelo livro didático. Residiu mais em conseguir exercer a atividade docente com a devida qualidade (e tempo) para planejar as aulas, desenvolver e trabalhar conceitos com os alunos, utilizar uma maior diversidade de recursos (vídeos, internet, etc.) e preparar materiais específicos para a turma, a partir da observação do desenvolvimento do trabalho em



sala de aula. A noção de “professor pesquisador” é a que melhor se aplica ao pensarmos em como se daria estas condições ideais para o exercício da docência em História.

Mais do que mirarmos apenas os problemas locais e específicos, não podemos perder de vista que muitos dos problemas do ensino médio se inserem em questões gerais que envolvem a educação como um todo e o próprio país. O Brasil, em seu esforço para se efetivar enquanto uma nação democrática tem na educação um de seus maiores desafios. Superar este modelo excludente que prevalece na educação brasileira implicará a elevação do problema da educação como uma das prioridades centrais do país, causador da exclusão e das desigualdades sociais e no Brasil.

Além de se repensar o lugar do ensino médio no sistema de ensino, seus currículos, infraestrutura e questões afins, garantir as condições para que tenhamos professores motivados, bem remunerados, capacitados e com boas condições de trabalho, parece ser uma questão chave para uma maior qualificação do ensino médio e sua elevação a outro patamar. Acreditamos que assim, o processo para superação do problema da evasão escolar no ensino médio poderá, de fato, ser concretizado.

Referências

CASTRO, Jorge Abrahão de. **Evolução e desigualdade na educação brasileira**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 108, p.673-697, 2009. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009 (PNAD)**. 2009

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP) . **Censo Escolar da Educação Básica de 2011**. 2011

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP) . **Censo Escolar da Educação Básica de 2012**. 2012

MOEHLECKE, Sabrina. **O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações**. Revista Brasileira de Educação, vol. 17, n.49, 2012.

NERI, Marcelo. **Motivos da Evasão Escolar**. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 2013



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL (SEDUC). Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio – 2011-2014. 2011.

Recebido em Julho de 2013
Aprovado em Agosto de 2013